

A MEDICINA E OS SEUS PROFISSIONAIS

Luís Dutschmann¹

Tenho o privilégio de poder reflectir sobre muitos anos de prática clínica e o comportamento dos profissionais de saúde. Estes são humanos e como tal sujeitos às leis da natureza. Na relação médico-doente estive, por algumas vezes, no lugar do doente. Há trinta e poucos anos surgiu-me uma doença grave e assustadora que justificou admissão Hospitalar. Tomei então consciência do que é ser doente, dos seus temores, das suas angústias e do que, na realidade, significa o seu estatuto profissional – nada. Doente é igual a outro doente, seja engenheiro ou operário. Lembro-me, quando deitado numa maca e atravessei os longos e frios corredores do Hospital, do olhar indiferente das pessoas, com as quais falava diariamente e algumas delas que tinham por mim certa deferência, que se cruzavam desconhecendo-me. Recordo com angústia, quando uma quantidade de colegas, de várias gerações, entrou pela porta do quarto lançando-me um olhar misto de comiseração e interrogação. Tudo passou, afinal a gravidade esvaneceu-se e decorridos uns dias pelo meu pé regresssei a casa para convalescer. Revivo que, mesmo doente a sofrer muito, consegui por em causa o diagnóstico estabelecido e sugerir o correcto que se confirmou posteriormente, isto é, apesar de ser doente não deixei de raciocinar como médico. Considero que a assistência clínica e de enfermagem foi de tal modo dedicada e carinhosa que me deixou a convicção de profissionais de saúde sublimes. Mais tarde, próximo do fim da minha carreira tive uma experiência diferente, que me fez duvidar do futuro da relação profissional de saúde/doente.

Escolhi esta tão nobre profissão com o intuito de ajudar o próximo, curar os doentes ou melhorar a sua dor. Quando no 3º ciclo do Liceu (6º ano) cursava a alínea G que permitia a Candidatura a Económicas e Financeiras, um pouco antes da Páscoa mudei de alínea e optei pela Medicina. Apesar das dificuldades que se me deparavam cheio de esperança abracei a nova via e com esforço consegui terminar o Liceu.

Penso que os médicos e enfermeiros se encontram irmanados por um objectivo príncipe que consiste na ajuda ao doente. Os primeiros através dos ensinamentos de Hipócrates e os segundos consubstanciando as ideias de Florence Nightingale. O meu desejo, ao encarar estas profissões, tão interligadas, é a de que, apesar dos grandes avanços da medicina, continuem a ser motivados pela compaixão e compreensão pelos doentes que é a melhor terapêutica que muitas vezes lhes podemos oferecer.

Os avanços tecnológicos do diagnóstico e terapêutica permitem, hoje em dia, manter vivos longos anos doentes com neoplasias, doenças pulmonares e cardiopatias evoluídas e que fatalmente teriam morrido com as terapêuticas contemporâneas da minha licenciatura. Basta lembrar as Unidades de Tratamento Intensivo, os transplantes de órgãos, a radiologia de intervenção, cardiologia de intervenção, endoscopias, cardiodisfibriladores, etc.

Após 1974 assistí à criação de uma das obras mais importantes do nosso País – O Serviço Nacional de Saúde. Sempre defendi e defendo a Medicina Hospitalar, praticada nos Hospitais Públicos, como a melhor, mais eficaz e aquela que

proporciona a formação pré e pós graduada de excelência aos médicos e enfermeiros. Penso igualmente que a Medicina Hospitalar pode coexistir pacificamente com a Medicina Privada, eu próprio pratiquei as duas em simultâneo. O que me assusta e acho comprometedor para o Futuro da Medicina e seus profissionais é o assalto por grupos económicos à SAÚDE em detrimento dos Hospitais Públicos. Estes últimos vão-se degradando, a coberto da Crise Económica, perdendo qualidade, médicos, enfermeiros e técnicos, enquanto os Privados florescem. Penso que esta afirmação não representa acrimónia em relação aos Hospitais Privados, que crescem vertiginosamente. A competição é grande quer através do apoio de seguros, quer através dos Servidores do Estado (funcionários públicos e militares entre outros). Esta política liberal que se pretende impor vai criar um desfavorecimento acentuado em relação às classes mais pobres da população e aos idosos, pois estes últimos já não são cobertos por um seguro. Mas há casos igualmente graves, basta pensar nos doentes com doenças crónicas do tipo artrite reumatoide, colite ulcerosa, doenças neurológicas etc. dificilmente conseguem obter um seguro de doença e tem como único recurso o serem tratados no Hospital Público o que se pode e deve considerar uma discriminação, por outro lado as companhias de seguros ganham milhões de Euros á custa de indivíduos saudáveis recusando os doentes de risco.

Os cuidados médicos são, tal qual o ensino, um direito do cidadão, máxima que as políticas liberais tem vindo a por em causa. Aceito e compreendo que quer as terapêuticas, quer os meios de diagnóstico são exponencialmente mais caros, mas o Estado serve os cidadãos e não o contrário e é inconcebível que a saúde se torne predominantemente um negócio. O desafio que se deve colocar aos profissionais de saúde é saber como distribuir os recursos a todas as camadas da população. Considero detestável arrecadar Euros através de medidas burocráticas (taxas moderadoras). Uma senhora com um ordenado oscilando os 700 €, adoeceu com uma doença complexa pagou ao Hospital quantias elevadas mensais até se estabelecer o diagnóstico definitivo. Como é possível? O princípio ético é considerar a Medicina como um direito dos cidadãos e não como um negócio.

Tenho fé que os profissionais de saúde em unísono irão lutar e levar de vencidos aqueles que tentam alterar a nossa missão fundamental: TRATAR DO DOENTE. Este último não é um cliente ou freguês mas um ser humano que merece sujeitar-se á melhor Medicina de que dispomos.

¹ Médico

Recebido 17/04/15; Aceite 20/04/15